



A COMUNIDADE DA PRAIA DO GOES



O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

APRESENTAÇÃO

1.A COMUNIDADE DA PRAIA DO GOES

APRESENTAÇÃO

Este material foi desenvolvido no âmbito do “Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural (Estudos Diagnósticos e Avaliação Estratégica). Regularização Ambiental do Porto Organizado de Santos. Municípios de Santos, Guarujá e Bertioga /SP”.

O texto reflete a pesquisa realizada entre os anos de 2010 e 2011.

1. A COMUNIDADE DA PRAIA DO GOES

A população desta pequena enseada localizada na ponta Ocidental da Ilha de Santo Amaro, município do Guarujá, não excede as 150 pessoas. Apesar de se encontrar ao lado do Guarujá e à vista da cidade de Santos, a Praia do Goes e seus habitantes mantém ainda hoje uma calma e paz difíceis de encontrar nos núcleos habitacionais da região. Para isso foram e são ainda hoje decisivas as encostas do morro da Sangava e da Ponta da Barra que formam um anfiteatro natural o qual domina a enseada e o pequeno vilarejo a seus pés. A ausência de estradas e o acesso exclusivo por barco ou por trilhas pedestres ao longo das encostas, complementam o cenário de “isolamento” da população local, que mantém assim características únicas que importa preservar e valorizar da forma que ainda hoje subsiste. De ressaltar que, quando questionados sobre a questão dos acessos, os moradores foram unânimes ao afirmar que não pretendem ter qualquer outro tipo de via de comunicação terrestre que não as existentes, que na sua perspectiva traria mais malefícios do que benefícios.

De acordo com as informações recolhidas, a Praia do Goes, apesar de ser uma enseada natural da Ilha de Santo Amaro, foi conhecida durante vários anos como Ilha dos Pescadores devido ao seu isolamento natural. Esse topônimo denota também o tipo e o modo de vida da comunidade que ali se instalou ao longo dos tempos.

No povoado ainda existem alguns exemplos de arquitetura tradicional caiçara. São casas em madeira, com cobertura de uma ou duas águas sobretudo, algumas apresentando varanda elevada na frente, delimitada por pequena cerca de madeira (mais antigas) ou pequeno murete de cimento (mais recentes). Os exemplares mais antigos conservam ainda as suas características palafíticas, estando cerca de 30 a 50 cm acima do solo, devido à possibilidade de inundação pela maré ou pela água pluvial.

As páginas que seguem trazem alguns exemplos de seu patrimônio material e imaterial.

❖ Embarcações

Na comunidade as embarcações mais comuns e populares são a Barquinha, Bote ou “Chatinha”, feitas em madeira apresentando pequenas dimensões e um fundo chato. Ainda existem alguns exemplares em uso. Outra embarcação tradicional era a canoa monóxila, de que

hoje não existem mais exemplares na Praia do Goes. A Barquinha era e ainda é utilizada, sobretudo para a caça do polvo e coleta de camarão Sete Barbas, mas também para pescar com rede. Há já vários anos que utiliza propulsão a motor, sendo também empregada para a travessia de passageiros e carga entre vários pontos do canal. Para o camarão Branco a embarcação é maior e de outro tipo, pois necessita sustentar a rede mais pesada e maior.

Após 6 meses de utilização, a “Chatinha” é retirada da água durante cerca de 3 dias, para dar manutenção do motor, casco, pintura, voltando após isso à água por mais 6 meses. Durante esta, o acostado é pintado com esmalte sintético ou outra tinta, sendo que o casco é pintado com a denominada “tinta envenenada” uma tinta especial, para afastar as pragas aquáticas. Antes da pintura, os orifícios e rachaduras da madeira são calafetados com estopa e massa corrida por cima, deixando-se secar durante um dia. No dia seguinte lixa-se e pinta-se a embarcação. Esta ação acontece porque ao final de 6 meses o efeito da tinta envenenada desaparece, permitindo o surgimento de “Buzano”, nome dada a uma espécie de cupim do mar que fura a madeira, para além da craca que começa a acumular-se no casco, danificando-o. Durante esses dias de manutenção, os pescadores não saem para pescar. Se a manutenção for bem feita e de forma periódica, uma embarcação deste tipo dura cerca de 15 anos.

As “chatinhas” praticamente já não são fabricadas, havendo um pequeno estaleiro no povoado vizinho de Santa Cruz dos Navegantes, onde ainda se produzem algumas.

❖ Técnicas tradicionais de pesca

Habitantes com 30 a 40 anos recordam que, à data da sua infância, todas as famílias da comunidade tinham o seu barco de pesca artesanal e que era comum a pesca ser realizada em conjunto. O ofício era ensinado de pais para filhos e hoje a maioria dos mais novos já não aprendem aquele, pois os próprios pais não vêem futuro na pesca artesanal. Até há 15 anos atrás ainda era comum observar algumas mulheres ajudando na faina da pesca, algo que hoje não acontece mais. Ajudavam a puxar as redes e a selecionar a tainha, de acordo com a sua dimensão, poupando as mais jovens de forma a manter o estoque natural dos cardumes locais.

Hoje, de acordo com as referências obtidas, apenas uma pessoa da comunidade se dedica por completo à pesca. A grande maioria dos restantes têm uma renda fixa num outro trabalho, sendo que muitos complementam a mesma mantendo paralelamente o ofício de pescador, por vezes apenas como complemento de subsistência familiar, sem fins comerciais.

Até há cerca de 30 anos atrás, como ainda pode ser observado em fotografias da época, a área central da praia era coberta por Jundu (mato rasteiro), onde os pescadores colocavam as

redes para secar e para consertos. As redes utilizadas tinham 8 a 9 mm de espessura, sendo as antigas feitas com fio grosso feito de juta, tingido através de uma infusão feita com uma substância de uma casca de madeira retirada da Mata Atlântica.

Uma das técnicas tradicionais de pesca desta comunidade, para além das utilizadas na coleta de marisco e pesca artesanal da população caiçara da Baixada Santista, era a pesca da tainha na própria enseada da praia. Como foi explicado pela comunidade, uma embarcação (canoa monóxila) saía junto a uma das margens e encostas da pequena baía, sempre de acordo com a direção do cardume (cabeça do peixe), de forma a ir contra o mesmo. Essa embarcação contornava por fora o cardume, largando uma rede amarrada a uma corda, cujas pontas ficavam no ponto de partida e no ponto final do trajeto, sendo essa ponta transportada até aí pela embarcação. No topo de uma das encostas, um vigia usando um apito ou um berrante, observava o cardume de tainhas na água outrora límpida da enseada, o qual nada próximo à superfície. Uma vez posicionado o cardume na rede, o vigia ou “espia”, como popularmente era designado, fazia soar o berrante avisando a comunidade para puxar as duas pontas da corda, arrastando a rede e o cardume com ela. A par dessa ação, várias canoas menores, equipadas de entrepara (pequeno mastro ao centro em bambu ao qual era amarrada uma rede, sendo aberta de forma triangular), ficavam no lado de fora da rede, para ajudarem a segurar as bóias da mesma em cortiça. A entrepara na pequena embarcação, servia para amparar as tainhas que saltavam para fora da rede, caíndo essas de novo dentro da mesma ou dentro da embarcação.

❖ O pescado tradicional

Para além de peixe, de onde se destaca a tainha, os pescadores da praia costumavam caçar polvo e coletar marisco junto ao costão rochoso, já em parte oceânica, entre o Morro do Sangava e a Ponta Rasa. Já em relação ao camarão, as espécies mais procuradas pela comunidade local eram e ainda são o Sete Barbas e o Branco. Esta polivalência de recursos permitia não apenas diversificar a renda familiar como, também, complementar a atividade econômica, uma vez que nem todas as épocas do ano era possível a coleta do camarão. Assim, o defeso do camarão (período de reprodução no qual é proibido a coleta), inicia-se a 1 de Março até 31 de Maio, durante 3 meses. Por outro lado, o defeso do caranguejo ocorre entre Novembro e Janeiro e o do marisco de Setembro a Novembro. Dessa forma permite-se uma pesca de cariz rotativo. Nesse período os pescadores registrados como profissionais na colônia (tipo de sindicato da categoria), recebem indenização do Governo para não pescar o camarão.

Prancha 1 – Comunidade da Praia do Góes.



Vista da chegada à Praia do Góes.



Pós ocupação da costeira rochosa.

Prancha 2 – Comunidade da Praia do Góes e trabalhos colaborativos.



Entrevista à Presidente da Associação de Moradores da Praia do Góes, a dona Andréia Barbosa do Prado.

Entrevista a um grupo de pescadores locais (Marcos e Fábio) na Praia do Góes, enquanto realizavam os reparos na sua "Chatinha".



Entrevista a Sra. Sônia Câmara, moradora local.

Entrevista ao Sr. Leo Câmara, profundo conhecedor da comunidade e filho mais novo de Vasco Câmara que foi o fundador da "Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes".



Prancha 3 – Documentos antigos disponibilizados pela Comunidade



Foto da família do Sr. Vasco Câmara, fundador da "Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes", o qual veio morar para o local em 1959. Observa-se a sua moradia, comprada a um pescador local, conservando na época a varanda com cerca de madeira.

Foto da liturgia celebrada no oratório de sapé dedicado a Nossa Senhora de Aparecida, na década de 60 do século XX, o qual foi obra da Sociedade criada pelo Sr. Vasco Câmara.



Recibo da década de 60 do século XX, passado a Ruth Câmara, esposa do fundador, pela sua contribuição para uma campanha de auxílio.

Correio Militar da Guerra Constitucional de 1932, escrito pelo Sr. Vasco Câmara à sua esposa Ruth, durante o período em que combateu, tendo-se dado como voluntário.



Certidão de Nascimento Portuguesa do Sr. Vasco Câmara, nascido em 1905 na cidade do Funchal (Ilha da Madeira, Portugal), o qual com cerca de 18 anos foi viver para Santos.

Prancha 4 – Embarcações



Aspecto geral de uma "Chatinha" tradicional da Praia do Góes, durante o período de manutenção da mesma.

Trabalhos de manutenção (calafetagem) de uma "Chatinha" tradicional da Praia do Góes.



Rede de pesca em juta estendida sobre o Jundu (mato rasteiro) e estacaria que existia ao centro da Praia do Góes (foto da década de 60 do século XX).

Exemplar muito degradado de canoa monóxila como as que eram utilizadas pela comunidade caiçara da Praia do Góes, até há cerca de 40 anos atrás. Este exemplar encontra-se na Colônia de Pescadores junto ao Forte de Itapema (Guarujá, SP).

